

MARLENE FERNANDES DE SOUZA



**“FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS
DE RUBIATABA”**

30771
Sara

Tombo n°.	7126
Classif.:	
Ex.:	1
Origem:	10
Data:	01.03.03

RUBIATABA, DEZEMBRO DE 2001.

MARLENE FERNANDES DE SOUZA

**“FILOSOFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL NAS ESCOLAS
DE RUBIATABA”**

Monografia apresentada como
exigência para conclusão do
Curso de Filosofia da
Faculdade de Ciências e
Educação de Rubiataba.

RUBIATABA, 2001

Dedico esta Monografia aos meus
Filhos e ao meu esposo, por terem
mim apoiado nesta longa
caminhada, e com este apoio pude
enriquecer meus conhecimentos .

AGRADECIMENTO

A Deus em primeiro lugar e a todos os companheiros que vêm apostando comigo na importância política da Escola e por isso se empenham em torná-la espaço eficaz de apropriação de um conhecimento útil ao pleno exercício da cidadania democrática, meus agradecimentos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
DESENVOLVIMENTO	03
I. AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA IDADE MODERNA	04
II. FILOSOFIA NAS ESCOLAS	06
III. O PROFESSOR FILÓSOFO E O QUESTIONAMENTO SOBRE A EXISTÊNCIA HUMANA	10
IV. PREPARANDO OS PROFESSORES PARA ENSINAR A PENSAR	12
ENTREVISTA	14
CONCLUSÃO	16
BIBLIOGRAFIA	18

INTRODUÇÃO

A introdução da Filosofia nas Escolas do Ensino Fundamental e Médio está sendo de forma lenta preocupando com o desenvolvimento intelectual das crianças, adolescentes. Educadores tem percebido que a Filosofia, inserida na formação educacional vem produzindo grandes resultados.

Nossos alunos crescem na capacidade de compreender, sentir, de ajustar, estimulando a discussão de conceitos através de debates dando oportunidade de descobrir os ideais que nortearam de forma definitiva passando pelo ensino comum e a consciência filosófica a vida dos alunos.

A Filosofia é a ciência da educação, nada se compara à habilidade da ciências e, introduzir os alunos a uma compreensão da natureza através da experimentação. Os nossos educadores deixa de ser menos o de transmitir conteúdos aos alunos e mais de orientá-los na busca de suas necessidades intelectuais. Os educandos ao desenvolver seu próprio pensamento afiam as ferramentas através do exercício de seu raciocínio, questionando e investigando as informações que lhes são oferecidas.

A Filosofia é necessária. É a Filosofia que reúne o pensamento fragmentado pelas ciências e demais formas de conhecimento, buscando compreender o mundo da técnica dilacerado em tantas especializações. Quer resgatar o poder que se encontra no sentido humano do pensar e do agir.

É a Filosofia que permite ao homem adquirir outra dimensão além do agir imediato, na qual estamos mergulhados no dia-a-dia.

Para os professores de Filosofia as propostas pedagógicas as escolas deverão assegurar tratamento interdisciplinar contextualizado para o conhecimento de filosofia. Os pensadores e gestores daquele modelo de educação desconheciam, é a necessidade, torná-la explícita a partir do próprio sistema produtivo que as sociedades tecnológicas têm de que o indivíduos adquira uma educação geral, inclusive em sua dimensão literária e humanista.

As Ciências Humanas e a Filosofia não podem ceder à ingenuidade de negar o papel das tecnologias nos processos históricos e sociais.

No Ensino Fundamental é que dá o início de tudo. Levar o aluno a vários conhecimentos, além da compreensão dos aspectos, leva desenvolvimento cognitivo e afetivo, na aquisição da linguagem na interação social e na constituição da identidade, desenvolver conhecimentos que, expliquem os processos por meios dos quais o indivíduo constrói sua identidade no convívio social levando os estudantes conhecimento parcial de Filosofia, a caminho do senso comum, podem contribuir para uma reflexão e melhor compreensão de sua inserção no mundo. Além disso, é através desta contextualização que se desenvolvem os valores e atitudes, que se constroem na articulação entre o cognitivo e o sócio afetivo, tais conhecimentos tornam-se mecânicos e autônomos, ficando desprovidos de identidade e de sentido. É a identidade e o sentido dos conhecimentos, social e culturalmente referidos, que nos permitem construir uma ética que oriente o pensar e o agir. A partir deles, é que dá sentido à retomada e à atualização da tradição filosófica ocidental, corpurificada nos princípios estéticos, políticos e éticos, relidos nos gregos antigos, no humanismo renascentista e nos filósofos iluministas e ressignificados para as sociedades tecnológicas do presente. Os desafios postos por estas apontam mais do que nunca um papel a ser desempenhado pelos conhecimentos das Ciências Humanas e da Filosofia na desalienação do homem.

Nesse sentido, para o professor, vem construir conhecimento e vida em comum, ele começa incentivar as crianças e adolescentes a participarem de debates começando pelo espaço escolar, desenvolver a capacidade de uma tomada de posição refletida, durante a exposição do professor, dando toda a liberdade de, perguntar, responder, solicitar e fazer esclarecimentos, opor-se, criticar, confrontar diferentes posições e possibilidades, recusar interpretações, fazer interpretações... etc e, especial mudar de posição quando estiver convencido de que a idéia pode não ser necessariamente a melhor.

Por isso é muito importante a Filosofia no Ensino Fundamental e Médio. Está em passos lentos mas contudo, nas escola é possível acompanhar o desenvolvimento da Filosofia em, ajudar a explicitar os seus fundamentos críticos e derrubar uma grande quantidade de preconceitos infundados a esse respeito.

Nós educadores, devemos levar nossos alunos a pensar e refletir sobre a realidade por meio da Filosofia na escola, desde as séries iniciais.

MARLENE FERNADES

A EDUCAÇÃO NO BRASIL

Em 1549 os jesuítas chegaram ao Brasil permanecendo até 1759, comandando o setor educacional brasileiro. Utilizaram a educação para a conquista de “alunos” para o catolicismo.

A pedagogia jesuítica, o método e o conteúdo do ensino estavam estabelecidos no Ration Studiorum. Esta educação era baseada em valores medievais, avessa ao desenvolvimento do espírito científico.

O ensino jesuítico afastava os alunos do questionamento da realidade imediata da colônia. Inculcava-lhes a idéia de que o mundo civilizado era o mundo europeu. Adequava-se às diretrizes básicas do sistema colonial.

Em 1759 o Marques de Pombal, que atribuía à companhia de Jesus responsabilidade pelo conservadorismo cultural, expulsou os jesuítas do Reino Português. Ele traçou como novos objetivos educacionais: abrir o conteúdo do ensino as ciências experimentais, tornando-o mais prático e utilitário; despertar um maior número de interessados no ensino superior e diminuir a influência da Igreja no Setor Educacional.

Acontece que o ambiente sócio-cultural do Brasil não era como o da Europa, e muito menos se desejava formar aqui homens livres e uma nação. A finalidade da conquista era o comércio de matéria prima e a exploração da terra, de seus minérios e do que mais houvesse.

Esse modo de ver o mundo refletiu-se na concepção de educação, sendo que as primeiras escolas fundadas pelos Colonizadores foram as religiosas comandadas pelos Padres Jesuítas, com o fim de catequizar o índios e evitar que os colonos se desviassem dos caminhos da salvação. E essa era também uma forma de introduzir a nova mentalidade no povo colonizado, o que significava ensinar os valores as leis e os costumes daqueles que os dominavam.

Para o Brasil vieram as escolas religiosas e, com elas, a resistência às mudanças e as inovações decorrentes da nova concepção do mundo.

I. AS INSTITUIÇÕES ESCOLARES NA IDADE MODERNA

A organização da escola brasileira no período colonial está intimamente ligada a presença e à atuação dos Jesuítas que chegaram ao Brasil, com o propósito de desenvolver ação missionária de evangelização. Entretanto algum tempo depois, com a necessidade de se estabilizar no Brasil o novo empreendimento colonizador. Os Jesuítas ampliam suas perspectivas de ensino e organizam escolas que atendem, com a instrução, os filhos dos colonizadores. Essas escolas acabam predominando, e para elas se voltam os interesses dos Jesuítas.

As escolas Jesuíticas do Colônia possuem a mesma orientação das escolas jesuíticas européia. A educação escolar visa a formação da elite intelectual destinada à liderança da sociedade colonial, privilegiando o trabalho intelectual e desvalorizando o trabalho manual. Seus métodos de ensino levam os estudantes a ignorar a realidade e os problemas da população colonial.

O **Monopólio Jesuítico** na Educação faz prevalecer sua política educacional que tem por objetivo uma escola conservadora, alheia a revolução intelectual e ao renascimento científico que aconteciam na Europa no século XVII. Nesse período, no Brasil, os núcleos urbanos ainda são pobres e dependentes das atividades do campo, onde se concentrava a maior parte da população. Por se tratar de uma sociedade escravista e agrária, não há interesse pela educação elementar, daí a grande massa de analfabetos. As mulheres encontram-se excluídas do ensino, da mesma forma que os negros. Apenas os mulatos, um pouco mais tarde, é que começam a reivindicar espaços na educação somente bem mais tarde é que a educação atende a um seguimento novo, o da pequena burguesia urbana que aspira à ascensão social. A escola passará a ser vista como único meio de ascensão social para aqueles que não possuem riquezas herdadas.

Os que desejassem prosseguir os estudos procuravam as universidades européias, onde entravam em contato com outros estilos de vida e traziam as aspirações dessas culturas para o Brasil, fazendo germinar idéias políticas sociais, incitando movimentos renovadores.

O ensino jesuítico, por essas ocasiões, sofre severas críticas, principalmente por estar distante da realidade e ser autoritário. O primeiro ministro de Portugal, Marques de Pombal, expulsa os jesuítas do reino, inclusive do Brasil. A medida

transforma-o ensino em um fracasso, pois o sistema educacional, não está preparado para substituir os jesuítas.

A escola brasileira do Período Colonial é Jesuítica, privilegiando a formação intelectual e desvalorizando a formação profissional. A grande massa fica excluída, daí o grande número de analfabetos.

O pensamento religioso começa a enfrentar oposição quando a industrialização se intensifica e começam a ser introduzidos, idéias progressistas. No campo educacional, essas idéias contropõem-se do ensino jesuítico. Tem início, a luta pela Escola Pública, leiga e gratuita, bem como pelo ensino das ciências.

II. FILOSOFIA NAS ESCOLAS

ESCOLA

O papel da Escola como instituição educacional cuja atividade principal é o ensino.

A Escola de nossos dias vem assumindo novos papéis na comunidade. O mundo mudou e continua mudando! E muda a uma velocidade que se acelera mais e mais. Por isso mesmo, a escola tem um papel cada vez mais importante na vida das crianças, dos jovens e dos adultos. Esse papel da escola está concentrado na sua finalidade maior, que é a educação de crianças, jovens e adultos que freqüentavam a instituição escolar em seus diversos níveis.

Constitucionalmente a escola tem a função de ensinar, garantindo a todos o acesso a um conjunto de conhecimentos. Isso é assegurado por Lei (pela Constituição Federal) a todas as crianças e jovens de idade escolar, durante o ensino fundamental.

Ao mesmo tempo que ensina, a Escola realiza uma função que vai além da transmissão ou mesmo da construção de conteúdos. Trata-se da Educação que se relaciona com todo processo de formação da criança e do jovem, que vão se tornando adultos responsáveis. Mas Educação não é função apenas da Escola, pois participam dela diversas outras instituições: A Família, a Igreja, o Trabalho, o Clube Esportivo, os Grupos Culturais e outros. A diferença entre a Educação Escolar e a Educação em outras instituições está no caráter deliberado intelectual da ação da escola.

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

A uma enorme diversidade expressa a cada dia na sala de aula entre os alunos e mesmo numa criança, de um adia para o outro, de um momento para o outro, Não é preciso conhecer em profundidade cada uma das ciências básicas da educação para perceber essa manifestação de diferenças num mesmo indivíduo,

entre pessoas, entre culturas. Mas o seu estudo pode trazer contribuições importante para o trabalho pedagógico,

A Filosofia não é apenas uma ciência, é ela que pode contribuir para a adoção de uma nova mentalidade, uma nova forma de pensar com olhar indagador e crítico sobre o real, na busca de respostas racionais para a explicação do porquê dos fenômenos.

A palavra Filosofia significa amor à sabedoria, ao conhecimento do exercício do pensamento crítico, por meio da reflexão e da imaginação que podemos avançar mais e mais no desenvolvimento das ciências e na construção do nosso destino. A Educação e, em particular, o professor, têm muito a ganhar com a Filosofia, ao adotar esse espírito crítico de busca de conhecimento.

Nossa vida é constituída de saberes que adquirimos ao longo do tempo, mesmo sem ter consciência deles.

É isso que acontece com a língua que falamos, com os usos e costumes que orientam nossas ações, com as crenças e valores que professamos e até mesmo com a nossa fé religiosa. O conjunto desses saberes compõe o nosso universo interior a nossa visão do mundo.

Grande parte desses conhecimentos é chamado de senso comum. Maneira habitual e tradicional de julgar o mundo e as coisas de falar na vida cotidiana.

Construímos a nossa vida baseada em fatos e em diferentes conhecimentos. Quando empregamos a razão e a experiência acumulada para resolver problemas, encontrando soluções no equilíbrio e moderação usamos o bom senso. E a sabedoria adquirida a partir das experiências vividas, das reflexões sobre problemas, da sensibilidade para a compreensão da realidade e de uma boa noção de organização e coerência.

O conhecimento é a relação, que temos com a realidade, há muitos jeitos de conhecer; ao conhecer e intervir no mundo, criamos a cultura, isto é, transformamos o mundo, criando muitos "mundos" diferentes.

O nosso primeiro esforço deve ser o de afastar certos preconceitos que existem contra a Filosofia. O filósofo tem sido as vezes identificado como o homem "fora da realidade" que não se preocupa com problemas concretos, que constrói certas teorias difíceis de serem compreendidas. Diz-se também que Filosofia é algo que a gente faz quando não há outra coisa mais importante a fazer. Esta é uma imagem falsa da Filosofia.

A Filosofia é a procura constante de um saber cada vez maior. Na Filosofia há um exercício permanente de crítica, isto é, de um olhar que procura voltar-se para a realidade no sentido de vê-la com clareza, profundidade e abrangência.

A atitude crítica quer **ver claro**, isto é afastar aquilo que, algumas vezes embaça a nossa visão, fazendo com que não enxerguemos corretamente. Por exemplo, quando gostamos muito de uma pessoa, é difícil ver seus defeitos, suas falhas. A crítica nos mostra que aspectos positivos e negativos, naquilo que observamos. Ela ajuda a “clarear” a nossa visão.

Olhar criticamente é também **ver fundo**, isto é, não se contentar com a superficialidade, com as aparências. A atitude crítica procura ir às raízes, buscar os fundamentos do que se investiga.

Quando olhamos superficialmente, podemos deixar de ver algumas coisas que estão encobertas e que são importantes por exemplo: quando temos uma atitude de indisciplina na sala de aula, devemos buscar o que está causando a individualidade. A indisciplina é o que aparece. Nós temos que buscar o que está por trás dela. Não adianta castigar os alunos sem procurar conhecer criticamente o que provoca a atitude deles.

O olhar crítico procura **ver largo**, isto é, tomar distância para procurar verificar o objeto que queremos conhecer no contexto no qual se encontra, com os elementos que o determinam e os diversos ângulos sob os quais se apresenta. Temos o costume de pensar que o nosso ângulo é, se não o único, pelo menos o melhor, quando consideramos a realidade. E assim corremos o risco de nos enganarmos. Por exemplo, se olhamos uma moeda de frente diremos que ela é larga, mas olharmos de lado teremos que dizer que é estreita. Assim também ocorre quando observamos nossos alunos: vistos por um ângulo, podem apresentar dificuldades; vistas por outro, mostram-se capazes.

A Filosofia da Educação quando voltamos nosso olhar crítico para a Educação.

A Filosofia da educação busca, ao lado dos outros saberes compreender a educação em todas as suas dimensões. Ela procura olhar criticamente a tarefa dos Educadores e Educadoras, da escola enquanto um lugar que se faz a Educação e daqueles que, no interior da escola, têm um ofício muito especial: o professor, o de professora.

“O educando, quem é, o que deve ser, qual o seu papel no mundo; o educador, quem é, qual o seu papel no mundo; a sociedade, o que é, o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica. Estes são alguns problemas que **emergem** da ação pedagógica para a reflexão filosófica¹”

A Escola é o objeto da reflexão que é feita pela Filosofia da educação, é importante olhar para as características desse trabalho. Escola lugar específico de Educação.

A Educação é o processo de manutenção e transformação da cultura, de socialização de saberes e valores e que ela está presente em todas as instituições sociais.

Considere as Escolas como lugar em que estão presentes valores relacionados principalmente com a formação dos indivíduos, a escola é um espaço no qual deve estar presente a Filosofia da Educação, que sendo uma reflexão crítica, ajuda-nos a olhar para o nosso trabalho de modo que possamos ver o que vai bem e o que precisa mudar.

A Filosofia da educação reflete sobre a prática que se realiza na escola, as concepções de educação que orientam essa prática. Assim, ela pode auxiliar os educadores. Também ajuda a olhar para frente e a criar projetos, para se realizar, exigem competência e esperança.

¹ LUKESI, C. C. Filosofia da Educação. São Paulo. Cortez, 1990. p. 32.

III. O PROFESSOR FILÓSOFO E O QUESTIONAMENTO SOBRE A EXISTÊNCIA HUMANA

Heráclito, filósofo professor grego do período pré-socrático, afirmava: “Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio, pois na segunda vez não somos os mesmos, e também o rio mudou.” Essa afirmação nos faz pensar que não há ser estático, pois o dinamismo deve ser a marca do homem.

Os conteúdos didáticos da escola antiga, também denominada tradicional, fazem parte do patrimônio cultural que a humanidade transmite de geração a geração e muitas vezes são concebidos como verdades acabadas e definitivas.

O objetivo maior dos conteúdos ensinados pelos professores da Grécia Antiga era “formar o cidadão perfeito”, dotado de um profundo sentido moral e ético. Devido à ausência de textos escritos, os ensinamentos eram transmitidos aos alunos de forma oral, pelos mais velhos, os quais eram considerados guardiões e mestres de uma sabedoria acumulada através do tempo e encarregados de transmiti-la às gerações mais novas.

Nesse processo de transmissão de saber, o aluno exerce um papel passivo na relação ensino-aprendizagem. O professor é visto como autoridade: ele fala, o aluno escuta, memoriza e normalmente, não se manifesta sobre o que escutou.

Desse contexto surgiu o homem grego, cuja formação se baseava na excelência do cidadão bem-dotado um ideal de grande elevação moral.

Nós podemos verificar que a história da docência e da pedagogia se originou na Grécia Antiga. A influência dessa herança permanece viva em nossa sociedade, pois é possível ainda hoje, encontrar professores que exigem de seus alunos a memorização dos conteúdos transmitidos. Foi também na Grécia Antiga que surgiram os primeiros educadores profissionais chamados **sofistas**.

Geralmente, os sofistas eram professores ambulantes que percorriam as grandes cidades, ensinando Ciências, Artes, com finalidades práticas, em troca de uma elevada contribuição financeira. Em seus ensinamentos acentuam, de forma exagerada, o valor da individualidade. Entre eles não havia nenhum sistema comum de idéias, desenvolveram a Educação intelectual que se tornou independente da Educação Física e Musical.

Sempre levando em consideração os interesses dos alunos pagantes. Os sofistas davam aulas de oratória e Argumentação ensinando técnicas úteis para o sucesso na vida pública e privada. As lições ensinadas por eles não tinham como finalidade a busca imparcial da verdade. A preocupação era preparar os alunos, ensinando-lhes conhecimentos básicos das diversas doutrinas, tendo em vista desenvolver a agilidade de raciocínio, que seria utilizada conforme as circunstâncias.

Se os primeiros educadores profissionais foram os sofistas, o primeiro grande educador espiritual foi Sócrates, pensador e filósofo grego considerando o educador por excelência. Como os sofistas, Sócrates realizou a atividade educacional por meio da conversação, da palavra falada. Discordava da educação até então existente, excessivamente sujeita à influência do Estado. Insistiu no valor da educação a fim de se levar uma vida honesta e, como os sofistas, acreditava que a virtude não era valor da aristocracia e sim de todos, pois era possível ensiná-la .

Preocupados pelos jovens, Sócrates discutia em praças públicas com os mesmos, onde os questionava, deixando os sem saída, criando como consequência dessa metodologia, o método Socrático.

Esse método se caracterizava pelo diálogo crítico dividido em duas partes: A **Ironia** (modo de expressar-se que consiste em dizer o contrário daquilo que se está pensando) e a **Maiêutica** (ajudava o aluno a conceber suas próprias idéias: consiste em dar à luz novas idéias).

A contribuição de Sócrates para a Educação é muito importante por ter sido ele o primeiro a reconhecer, com fim da Educação, o valor da personalidade humana.

IV. PREPARANDO OS PROFESSORES PARA ENSINAR A PENSAR

No início fundamental a Filosofia não anda muito bem, e isso acontece por causa da formação dos professores. A elaboração de material as crianças, não é problema, uma vez que as fontes principais já existem nos escritos básicos da tradição filosófica. O que é necessário é sua tradição numa forma mais apropriada às crianças. O Ensino de Filosofia requer professores que estejam dispostos a examinar idéias, a comprometer-se com a investigação dialógica e a respeitar as crianças que estão sendo formadas. Os métodos de formação de professores tem como objetivo esse ensinamento. Mas, é possível que tenha professores capacitação ao ingressar nas escolas de educação. E de fato, aqueles que trabalham com a formação de professores de Filosofia para crianças percebem que há pouca dificuldade em trabalhar. Tem algumas barreiras, principalmente no interior. Professores menos receptivos, que estão pouco inclinados a apreciar discussões intelectuais abertas e que, polidamente, não toleram as explorações, não sofisticadas e denibidas das crianças. No Ensino Fundamental a simples existência da Filosofia exerce uma atração nos educadores que se dispõe a ensinar nesse nível escolar. Vem aumentando o número de professores com vitalidade e brilho intelectual. Este aumento é resultado de uma reforma na formação de professores e também do estímulo intelectual que se encontram em sala de aula.

Os professores estão tentando transformar a Filosofia em um instrumento para ensinar o aluno a escrever melhor e ater pensamento crítico. "Para quem não é formado em Filosofia, é impossível ministrar o conteúdo".²

A Filosofia e a busca pelo pensar melhor, andam de mãos dadas, isto significa que um assunto sob discussão e que a metodologia de formação de professores de Filosofia é, provavelmente, muito instrutiva para o desenvolvimento de modelos de formação de professores em geral. Isto é mais verdadeiro na formação de professores de Filosofia para Ensino Fundamental e Ensino Médio do que para o Ensino Superior. Filosofia para o Ensino Fundamental já existe currículo, com material mais que suficiente para cada série, mas, isto não significa que já está completo; provavelmente nunca fique, mas o fato de existir significa que os

professores podem ser preparados em seminários e oficinas para fazer exatamente o que farão diariamente com as crianças.

Enfim consideramos que a Filosofia desenvolve a reflexão, a capacidade crítica e análise dos alunos, ampliando seus horizontes culturais.

Em geral, espera-se que os professores experienciem este estágio quase que do mesmo modo que seus futuros alunos o farão. Como que a tempo eles obteram confiança em suas próprias reflexões, por consequência irão provar o frescor das interpretações dos outros, de defender suas idéias quando criticadas, de apreciar a solidariedade, intelectual com outros e de compreender sua própria integridade intelectual.

No meu ponto de vista ainda vai levar muito tempo para estas questões serem concluídas e assimiladas por nós professores, até que tenhamos um treinamento prático e adequado a conscientização do professor na dimensão filosófica do discurso humano, é intensificada quase que imperceptivelmente, dia a dia até que a diferença entre uma discussão filosófica e uma não filosófica torna-se tão evidente que não pedimos mais para ser mostrada. Isto não significa que o professor tornou um filósofo e sim prova da competência do professor em dirigir uma discussão filosófica, observando regras e não bloquear a linha de investigação e de acompanhar com atenção aonde ela conduz.

² O Popular, 21 de janeiro de 2001. P. 6B

ENTREVISTA COM SÔNIA DE LIMA
COORDENADORA DA ESCOLA ESTADUAL GILVAN SAMPAIO

Com base no Plano Educacional do Governo, a Filosofia deve ser introduzida no Ensino Fundamental e Médio com o principal objetivo de levar o aluno a escrever melhor, ler e interpretar a leitura, em fim, ter pensamento crítico, e arte de pensar.

Com base nesse fundamento responda as seguintes questões.

1. Na sua opinião, que qualidades e formação deve ter um professor de Filosofia para que o ensino de filosofia tenha êxito?

R. O professor de Filosofia deve estar sempre em busca de conhecimento, ter força de vontade, ser especializada em Filosofia e ampliar sua formação através de cursos, ir em busca de seu próprio êxito. Dever ter conhecimento e praticá-lo levando o educando a ter pensamento próprio e crítico.

2. Você concorda com o governo em implantar o Ensino de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio? Justifique.

R. Concordo, porque só assim, os jovens passarão a indagar por si próprio conhecendo a si mesmo, mas, acho que tudo isso é apenas sonho, falácias do Governo, na verdade os políticos não quer que os jovens tirem as máscaras, através da Filosofia, já que acham que o melhor jeito de enganar um povo é não dando espaço para que eles pensem pois deixando que os jovens sejam críticos pensando por si mesmos todas as mentiras e enganações que vemos na sociedade pode acabar. Quem estuda Filosofia vê o que os outros não vêem. Na qualidade de professora gostaria que os alunos tivessem uma visão diferentes de mundo. Com a implantação de Filosofia no Ensino Fundamental e Médio será difícil de continuar a manter tradicionalmente e uma sociedade de alunos não pensantes; acredito que haverá uma mudança muito grande na maneira de pensar e agir da comunidade escolar.

3. Que problemas no Ensino Fundamental, principalmente das Escolas de Rubiataba, poderão ser abolidos com a implantação da Filosofia nas escolas.

R. O principal problema a ser abolido é a falta de pensamentos próprios. O sistema faz com que todos nós sejamos pessoas com pensamentos comuns, buscando a beleza externa e a luxúria, vejo isto como uma visão global. O sistema social quer assim, e assim vai continuar se as pessoas não buscarem uma visão pessoal crítica, que só a Filosofia consegue resgatar. Se o educando começa a pensar, a criticar por se mesmo, na minha opinião, as matérias a serem estudadas terão mais êxito, pois clareando as idéias o aluno aprenderá com mais facilidade e conhecendo o motivo da aprendizagem ele não vai aprender mas levará consigo para a vida e não esquecerá jamais. A implantação da Filosofia nas escolas vai mexer com todo sistema tradicional, é por isso que será necessário professores formados na área, para ensinar da maneira correta; se colocarem professores que desconhecem o verdadeiro sentido da Filosofia os alunos acabarão sendo mais vedados que antes e logo não gostarão da disciplina. Portanto só deverá ensinar Filosofia o professor que tiver melhor preparado para a matéria.

CONCLUSÃO

Pode-se concluir que o Ensino da Filosofia no Ensino Fundamental, implicará em profundas transformações nos objetivos, estruturas e funcionamento das instituições escolares e no seu corpo docente, lembrando que este trabalho que está no início é um problema que certamente não será resolvido de imediato, dado que há uma série de fatores na grade curricular, falta de professores especializados...

Implantação dessa nova proposta de ensino, de seu funcionamento escolar enfrentará graves dificuldades para sua consecução. Uma delas diz respeito à alta rotatividade dos educadores na escola, o que acarreta muitos problemas para a manutenção da continuidade do trabalho. Raramente uma escola inicia o ano escolar com o mesmo grupo de professores que terminou o ano anterior, principalmente as maiores o caso mais grave nas escolas de periferia sem contar as alterações durante o período letivo. Além desses desafios à própria área, que apontam algumas permanências ideológicas, com as análises comprometidas pelas posturas preconceituosas, pelo nacionalismo ou esquerdista, que comprometem tanto a profundidade quanto a eficácia da interpretação dos processos sociais e educacionais. Porém, uma educação de caráter humanista, capaz de fazer frente aos desafios da contemporaneidade, não pode dispensar a contribuição das complexas relações sociais e culturais instituídas a partir do impacto das novas tecnologias. Por essa razão, os profissionais que atuam na área são convocados a participar do Projeto de construção de um novo Ensino Fundamental e Médio para o Brasil, que assegure às nossas crianças e adolescentes condições para o ingresso na vida adulta, atos a atuarem nos diversos contextos sociais. Este papel cabe às Ciências Humanas e à Filosofia, colaborar com a formação básica que assegure a cada um a possibilidade de se construir como ser pensante e autônomo, dotado de uma identidade social referida tanto à dimensão local da sociedade brasileira.

Um problema importante é a ausência de profissionais capacitados em boa parte das escolas da rede, ou de alguém que efetivamente desempenhe essa função. Por mais boa vontade que tenha o professor, dentro da atual estrutura

difícilmente terá condições de realizar sozinho o trabalho de professor de "Filosofia" da escola. Como é possível cumprir os objetivos do ensino sem preparar os profissionais que vão ensinar a pensar. As autoridades competentes precisam fazer uma preparação com esses profissionais coordenando atividades relacionando um grupo para discussões filosóficas alternando em discussões livres e abertas, sempre com acompanhamento de um monitor que observe firmemente a regra básica de não bloquear a linha de investigação e de acompanhar com atenção aonde ela conduz.

Imputar racionalmente a uma criança é mais garantido pois isso resulta com bastante freqüência em evidência da racionalidade da criança. Tratar as crianças como racionais tende a produzir evidência que confirma sua racionalidade. Estes argumentos particulares sejam ou não considerados persuasivos, a questão a personalidade e racionalidade da criança permanecerá para perseguir a Filosofia da infância. Os vários aspectos do problema parece necessitar uma formulação pragmática. Pois nossos educadores recusam a reconhecer a racionalidade das crianças, por esse motivo eles não se engaja satisfatoriamente no diálogo filosófico com elas, porque não podem aceitar suas expressões como razões. Se eles não conseguem fazer a Filosofia com as crianças, privamos sua educação do verdadeiro componente que pode fazer tal educação mais significativa. Se negamos essa Educação, asseguramos que a ignorância, irresponsabilidade e mediocridade que prevalecem atualmente entre os adultos que foram educados para aceitar calado sem questionar, e não é isso que queremos, que aconteça com nossas crianças e adolescentes, trata-los como pessoas pode ser um preço baixo para se pagar, a longo prazo, alguns benefícios sociais.

Finalmente, deve-se ressaltar ação viável para os educadores, configura-se fundamentalmente na própria escola, deve procurar capacitar estes profissionais da melhor maneira, de forma organizada e com fundamentos e que os educadores percebam que a implantação e desenvolvimento de um trabalho mais amplo e organizado, nos moldes propostos, representa uma ação basicamente educativa, na medida em que se interferirá nos conteúdos, na interdisciplinariedade e na prática educacional, além de alterar as relações internas da escola. O direito de participar no níveis de decisão é um objetivo da política educacional a ser conquistado conjunto de educadores.

Na verdade concluí meu trabalho pela seguinte tese, que novamente esclarecei neste final. A Filosofia tem como objetivo levar os educandos a pensar e refletir, mas isso, tem de investir na formação adequada de professores dando condição necessária para implantar tal política educacional.

Com base na entrevista da professora Sônia de Lima Coordenadora da escola Estadual Gilvan Sampaio podemos concluir que é um trabalho muito difícil conscientizar os nossos alunos levando a compreender que a todo momento estamos conhecendo a realidade e que existem formas de conhecer o mundo em que estamos e a nós mesmos. Os nossos professores de filosofia não tem consciência do pensamento crítico. E que no geral os professores desconhece o verdadeiro sentido da filosofia que eles acabam levando os alunos a serem mais vedados do que antes e levam eles a não gostar dessa disciplina por pura falta de capacitação desses professores. Levando em consideração as características de cada aluno o meio em que vive, mas cada vez mais se acredita mesmo que todos os seres humanos têm capacidade para refletir sobre as questões mais importantes de sua época e de sua sociedade.

BIBLIOGRAFIA

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Mario. Helena Pires. FILOSOFANDO. INTRODUÇÃO À FILOSOFIA. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1995.

COTRIM, Gilberto & PARISI, Mário. FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 1987.

LIPMAN, Mathew. A FILOSOFIA VAI À ESCOLA. Vol. 39. São Paulo: Summus, 1990.

LUKESI, C. C. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

O POPULAR, 21 de janeiro de 2001. P. 6B.

SEVERINO, A. J. FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO. CONSTRUINDO A CIDADANIA. 2ª ed. São Paulo: FTD, 1994.